



**DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**HUMOR E CRÍTICA SOCIAL EM
*O TESTAMENTO DO SR. NAPUMOCENO***

MARILIA SILVA ANÍZIO PORPINO

**GUARABIRA/PB
2010**

MARILIA SILVA ANÍZIO PORPINO

**HUMOR E CRÍTICA SOCIAL EM
O TESTAMENTO DO SR. NAPUMOCENO**

Artigo apresentado em cumprimento aos requisitos para obtenção do *grau de licenciado em letras*, à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Rosilda Alves Bezerra.

**Guarabira/PB
2010**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

P837h

Porpino, Marília Silva Anizio

Humor e crítica social em O testamento do Sr. Napumoceno / Marília Silva Anizio Porpino. – Guarabira: UEPB, 2010.

22f.

Artigo Científico (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Rosilda Alves Bezerra”.

1. Humor 2. Crítica Social 3. Cabo-Verde

I. Título.

22.ed. CDD 808.803 84

MARILIA SILVA ANÍZIO PORPINO

**HUMOR E CRÍTICA SOCIAL EM
O TESTAMENTO DO SR. NAPUMOCENO**

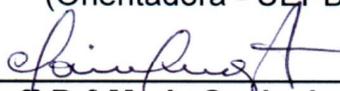
Artigo apresentado em cumprimento aos requisitos para obtenção do *grau de licenciado em letras*, à Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado em 21 de dezembro de 2010.

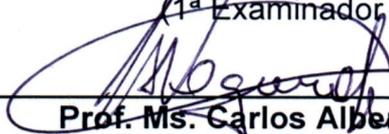
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof^a Dr^a Rosilda Alves Bezerra
(Orientadora - UEPB)



Prof^a Dr^a Maria Suely da Costa
(1^a Examinador - UEPB)



Prof. Ms. Carlos Alberto de Negreiro
(2^o Examinador - IFRN)

HUMOR E CRÍTICA SOCIAL EM O TESTAMENTO DO SR. NAPUMOCENO

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar o humor presente na narrativa de *O testamento do Sr. Napumoceno* do cabo-verdiano Germano Almeida. Nesta proposta investigaremos o humor irônico e sua relação com a obra do escritor. Com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão, nos detivemos em fazer um panorama social e cultural de Cabo-Verde, no que se refere à formação desta sociedade. Destacaremos o autor e a narrativa desenvolvida, a análise do romance definindo o “humor”, sem no entanto nos aprofundarmos nos significados teóricos sobre o referido tema. A título de fundamentação teórica nos apoiamos em *O riso*, ensaio sobre o significado do cômico, de Henri Bergson e *História do riso e do escárnio* do escritor George Minois.

Palavras-Chave: Humor. Cabo Verde. Germano Almeida. Crítica social.

1 INTRODUÇÃO

Ao pesquisarmos sobre a obra do autor Germano Almeida percebemos que humor, sátira, ironia são elementos constantes em sua ficção, em *O testamento do Sr. Napumoceno*, o humor ocupa espaço na narrativa, o autor mescla realidade, ficção, oralidade, escrita, e consegue mostrar ao mundo sua visão em relação à sociedade Cabo-Verdiana.

Preocupamo-nos em detalhar as dificuldades enfrentadas por esse povo desde a fundação do país, nação refém de desgraças e tragédias. Chamou-nos a atenção na escrita de Germano à criação de situações cômicas na ficção para descrever a realidade social de sua terra, o que nos faz entender que na obra em questão o humor disfarça e ameniza situações de mazelas e hipocrisias sociais.

O testamento do Sr. Napumoceno nos faz compreender que estudar literatura africana é uma forma de conhecer a nós mesmos, pois são culturas que combinam, conhecimentos que se completam e entendimentos que transformam. E sendo assim, extremamente necessária.

2 GERMANO ALMEIDA

Germano Almeida é um dos escritores mais representativos de sua geração, seus livros têm aceitação de público e crítica, possuem uma narrativa permeada pelo humor irônico até ao sarcasmo declarado. Através de um aguçado olhar satírico, Germano descortina a hipocrisia que impera no poder público e privado de seu país e se posiciona contra tudo aquilo que acredita ser prejudicial ao desenvolvimento de sua terra, a qual permaneceu sufocada durante os primeiros períodos de sua independência por um partido único.

Nascido na ilha de Boa vista, Cabo Verde em 1945, se interessou pelos problemas sociais de seu país. Graduado em Direito pela Universidade de Portugal, atua hoje na profissão de advogado, já tendo desempenhado também o cargo de procurador da república. O autor engajou em projetos importantes para a cultura cabo-verdiana, fundou a revista *Ponto & Vírgula*, o jornal *Água viva* e a Ilhéu editora, juntamente com Rui Figueiredo e Leão Lopes. Também escreve para o Diário português Público.

Após a década de 80, Cabo-Verde já se encontrava independente de Portugal. A economia do país começava a caminhar com os próprios pés, porém em relação à liberdade de expressão escrita, estava impedida de se expandir, há algum tempo não se podia publicar em Cabo-Verde. Por acreditar no poder da palavra, nasceu à revista *Ponto & vírgula*, que logo se destacou perante a imprensa do lugar, por possuir uma linguagem arrojada como também pela gritante necessidade de se publicar literatura. A revista apresentou uma curta vida, permaneceu ativa de 1983 a 1987, porém teve o seu papel participativo em uma época em que se comemorou, por exemplo, o aniversário de 50 anos da fundação da revista *Claridade*, no Mindelo em 1986.

Ponto & vírgula se destacava entre as publicações locais, o momento vivido pelo país de pós-colonização exigia o surgimento de um movimento que incentivasse a liberdade temática, os pontos de vista e as conjunturas políticas. Aproveitando a nova situação que gerava um ambiente mais aberto a novos diálogos e ideologias, a revista serviu de ponte a escritores que ansiavam por essa liberdade.

Germano Almeida se diz um apaixonado pela história de seu povo, o autor sempre se surpreende ao descobrir fatos antigos ocorridos nas ilhas, pois para ele conhecer a trajetória de seus antepassados, o faz conhecer a si próprio. Em uma entrevista concedida a uma revista portuguesa, Germano conta que por volta 1.720, a ilha de Santo Antão foi vendida aos ingleses pelo seu donatário, que ali estalaram tropas e colonos. Durante anos se deu a possessão inglesa sem que chegasse ao conhecimento de Portugal e das outras ilhas.

Ao escrever suas obras o autor descreve muitas vezes de forma disfarçada, uma terra sofrida, castigada ao longo dos tempos por secas, chuvas arrasadoras e fome. Por vezes o escritor se coloca no lugar de mães cabo-verdianas, que perante um cenário de tantos dramas, foram perdendo seus filhos concebidos de suas entranhas fatigadas. Seus romances mostram a resistência do povo, sua luta pela sobrevivência, sua história. Estas são as maiores razões que o incentivam a mergulhar no mundo das criações literárias, para ele a justificativa para que governantes de Cabo Verde se comportem de uma forma descomprometida com o povo é a falta de conhecimento da história do país, segundo este “é preciso conhecer as coisas, mesmo as mais dolorosas”, para as pessoas aprenderem a conviver com a realidade.

Germano Almeida apresenta a história cabo-verdiana, biografia de um povo que possui um cotidiano marcado por indícios de desgraças nacionais. Através de uma linguagem permeada por um humor de fino trato, o autor constrói uma narrativa que propõe a reinterpretação, e menciona uma sociedade que depositou em causa seus valores e mitos não trocados por outros que não se apresentassem discursos anacrônicos e populares representados pelo poeta. O autor aborda aspectos diversos através da ironia e do humor, ou seja, usa esses recursos a fim de proporcionar a compreensão sobre a cultura, os costumes e a tradição da sociedade de Cabo- verde.

Germano Almeida afirma não ser escritor e sim um contador de histórias, justifica este fato explicando sobre o que realmente apresenta importância para ele, ter uma história e alguém que a possa ouvir. Para o escritor a oralidade foi o transporte que o levou ao mundo da escrita, afirma que assim como outros escritores de sua geração teve o privilégio de enveredar pelo caminho das letras através da fala, aquilo que lhe repassaram oralmente, por esta razão estas marcas da oralidade são tão presentes na obra Almeidiana. O autor encontra, no universo

oral Cabo-Verdiano e suas tradições, ingredientes indispensáveis à composição de suas ficções: estórias românticas, o bem e o mal, casamentos por interesse, personagem pícara que se confunde com herói, astúcias, traições e o fantástico. O talentoso contador aproveita o rico imaginário de habitantes do passado e presente das ilhas e compõe seus personagens e seus enredos. Apodera-se ainda de vozes e gestos dos contadores das histórias, pois isso torna as suas mais reais, usa também a mistura entre o português e o crioulo, os retornos narrativos e outras características pertencentes aos tradicionais contadores de estórias. O autor incorpora a herança e coloquialidades narrativas as suas criações.

Apesar de dizer que escreve livros apenas por prazer e diversão, o autor assegura que a escrita para ele representa também liberdade que induz a mudanças, as palavras alcançam sempre um objetivo, seja o de libertar, conquistar ou transformar. Germano conta que aos 16 anos começou a escrever queria espantar os fantasmas que passaram a morar dentro dele depois de um trágico naufrágio acontecido nos mares de Boa vista, passando a viver assombrado pelo acontecimento.

Passava o tempo a imaginá-los morrendo no mar e um dia comecei a escrever o que via. Escrevi uma longa estória. Durante esse tempo convivi com eles, tu cá tu lá, acompanhando-os no alto mar lutando com a angústia da morte. Vinguei-me transferindo para eles o medo que vinha sentindo e terei mesmo a maldade que um ou outro fosse comido por tubarões no meio de gritos de cortar o coração. Certo é que no fim estava completamente liberto (ALMEIDA, 1997).

Entende-se, portanto, que várias de suas criações surgiram com mesma função, a de exorcizar os seus medos. Nesta perspectiva percebe-se também que o autor escreve por diversão, libertação e dever, o dever da denúncia. O escritor chama para si a responsabilidade de explicitar as verdades sobre os desmandos daqueles que se instalam no poder, aqueles que trazem dentro de si a arrogância, os que fazem da política trampolim de ascensões sociais. Servindo-se de sua escrita para criticar tais posturas, Germano afirma nesta entrevista que não se escreve impunemente, há sempre uma intenção por traz daquilo que se escreve.

Frente às criações de várias ficções e personagens de tão diferentes especificidades, o autor se desloca a diversos universos: o universo de seu país momentos e acontecimentos após a independência; o universo feminino que se

mostra sempre incompreensível ao mundo masculino. O universo urbano que pode ser Mindelo, Portugal ou uma grande cidade, e é de mesmo modo tão fascinante e incompreensível para quem cresceu em uma pequena ilha. O que na verdade tem expressividade, é o fato de que, independente do tempo em que a ação acontece, a intenção verdadeira do autor é a de confrontar a intimidade da sociedade Cabo-Verdiana e o fingimento de quem detém o poder público, característica visível das pequenas ilhas onde todos sabem tudo de todos ou, se julgarem sabedores e conhecedores de todas as verdades sobre a vida do outro.

Diante desta perspectiva em que o autor habita entre fazer e parecer, este almeja aquilo que é essencial, o ser. Considerando essa busca pode-se afirmar que a vasta obra do escritor pode ser entendida como uma procura da identidade, a compreensão do indivíduo cabo-verdiano. O que o levou a escrever sobre a sociedade crioula conferindo comportamentos, memórias, tradições de lutas pela liberdade em diferentes aspectos. Seus romances também abordam o tema da emigração que desde sempre fez parte da história de sua gente e insere-se como um elemento na construção da identidade Cabo-Verdiana. O autor aponta em suas narrativas, questões como partir ou ficar na terra natal e ao partir, o impasse angustiante da dúvida que se estabelece ao se questionar se o ideal é permanecer no país onde agora se reside, já que a vida em outro país transforma, ou mesmo assim se o melhor seria retornar à terra de origem, contribuindo para o desenvolvimento de seu povo.

De uma forma ou de outra, Germano Almeida há muito se sobressaiu no meio literário, seja falando sobre ficção ou realidade, o escritor que se intitula apenas um contador de histórias, possui um extraordinário talento para reinventar a linguagem, modificar estilos de acordo com a necessidade dos personagens, este característico jeito de escrever, no qual o humor e em muitas vezes a ironia, a sátira, atravessam a sua narrativa, serve de adornos a uma situação que este pretende confrontar.

Segundo (GANDARA, 2002), a ironia envolve a obra do escritor como uma couraça. Ela nos capacita a entender que a ironia funciona em seus trabalhos como um meio de ataque e de defesa, esta aliada ao humor se converte em uma poderosa arma de ataque, ao mesmo tempo em que protege o literato de se tornar fragilizado ao mostrar os seus mais escondidos sentimentos.

3 O TESTAMENTO DO SR. NAPUMOCENO

Deveríamos já estar sobrevoando a africana Cabo-Verde e eu já havia terminado de ler as aventuras do Sr. Napumoceno. Num só fôlego, estupefato, pasmado, uma obra prima. Me apaixonei pelo Napumoceno, pela cidade do Mindelo e pelo Germano (ALMEIDA 1996 P. 6)

O testamento do Sr. Napumoceno tem como pano de fundo a sociedade de Cabo verde, onde o autor conta a história de Napumoceno, um respeitado comerciante do Mindelo, que vive dentro das regras e é tido como cumpridor de todos os deveres morais e sociais em sua comunidade. Um rico comerciante, bem conceituado e acima de qualquer suspeita, quanto à dúvida de caráter e comportamento. No entanto a reputação ilibada do protagonista é jogada a prova quando um extenso testamento é aberto e toda a sua vida é exposta em forma de um diário escrito por ele mesmo dez anos antes de sua morte e todas as aventuras vividas, inclusive as amorosas, são descritas perante os ouvintes convidados a participarem da cerimônia da leitura testamental.

Napumoceno assume o papel de personagem principal e narrador da história. Sendo assim ele mesmo descreve os incidentes de sua vida desde a chegada a ilha de São Vicente, aonde veio na intenção de alcançar melhorias financeiras. O mesmo carregava somente uma velha mala contendo pouquíssimas roupas e trazia os pés descalços, devido a sua quase total falta de recursos. Mostrando expressivo talento para o comércio, no decorrer de pouco tempo consegue estabelecer-se como um grande comerciante e em suas transações comerciais, comete ao longo da vida, ações inescrupulosas, que lhe auxiliam em seu enriquecimento memorável, o que somente se vem descobrir após sua morte.

A sua sorte maior apresentou-se mediante a realização de uma compra de guarda-chuvas, que devido a um zero a mais no pedido, passou de mil a dez mil peças do produto. De início tentou culpar o funcionário dos correios pelo seu próprio erro, tentando diminuir o que achava ser um prejuízo, entretanto logo percebeu ter feito o grande negócio de sua vida, quando começou cair do céu uma fina garoa mais que logo se transformou em uma chuva torrencial, o que fez necessária a venda de todo o seu estoque de guarda-chuvas levando-lhe a conseguir uma considerável fortuna.

Durante todo o resto de sua existência, Napumoceno alimenta uma enorme culpa por seu patrimônio ter sido adquirido à custa de muitas vidas que se perderam devido à desenfreada chuva ocorrida por vários dias sobre a ilha, derrubando casas, levando moradores e outros infortúnios causados pela destruidora tempestade que trouxe ao povo tragédia e a ele dinheiro. Tentava aliviar a sua consciência sempre que podia, fazendo favores e caridades aos mais necessitados, aqueles que mais precisavam de ajuda. Estas ações também contribuíam para o seu acesso a vida política a que pretendia ingressar ocupando o cargo de vereador no município.

Não sentiu mais a necessidade de expressamente se ocupar deste problema, “Com a vereação e o fato do município ter obtido do governo um fundo especial para a reconstrução das casas dos desalojados, o Sr. Napumoceno especialmente porque já tinha voz dentro da própria câmara e não convinha de forma alguma fazer um trabalho paralelo que pudesse vir a ser interpretado como uma crítica à normal morosidade dos serviços públicos (ALMEIDA, 1996, p. 62-3).

Mediante uma narrativa cômica, o autor disponibiliza episódios que mostram o esforço dos que pensavam serem herdeiros da fortuna do falecido comerciante. O empenho em satisfazer as últimas vontades do defunto como no caso do acompanhamento com a banda que tocava no velório e as trapalhadas geradas pelas extravagâncias, as quais foram exigências do extinto senhor:

Ora a contrariedade surgiu foi quando o chefe perguntou o que era isso de marcha fúnebre a Carlos, já elucidado, respondeu ligeiro que era qualquer coisa de um tal Beethoven. Nós não tocamos nada disso, objetou o chefe. Nos enterros estamos habituados a tocar djosa quem mandób morrê. E essa tal de fúnebre nunca ouvi falar (ALMEIDA, 1996, p. 17-8).

Através de articulações em episódios fictícios presente no romance, vai revelando o real quadro social das ilhas de Cabo Verde e usa da fina ironia para se posicionar diante de realidades inaceitáveis que precisam ser modificadas. A narrativa é escrita de forma estratégica a fim de proporcionar ao leitor o poder de decodificar, interpretar a sua intenção ao emitir afirmativas ou negativas, a missão de entender a mensagem destina-se impreterivelmente ao leitor, é ele que possui a autonomia de compreensão de acordo ou contra o pensamento do escritor:

A ironia é uma afirmação que na verdade quer exprimir o oposto do que aparentemente está afirmando. A decodificação cabe ao leitor. Se o leitor não proceder à decodificação, a mensagem muda de sentido. E se o leitor entender como ironia uma afirmação que o autor não pretendia irônica, o leitor constroi um texto oposto ao pretendido pelo autor (CHERUBIM, 1989, p. 41-2).

Durante o andamento da leitura do cansativo testamento que mais parecia um livro de memórias, as suas aventuras amorosas, que todos os conhecidos devido a sua existência solitária e recatada pensavam não existir, vem a público e surpreende a todos que o conheceram e o tinham em conta de um solitário convicto, conformado com sua solteirice. Ele relata com riqueza de detalhes seu arrebatador romance com Adélia, uma moça dona de uma beleza perfeita aos seus olhos apaixonados, também comprometida com um marinheiro. Ao retornar de um longo período no mar, leva embora a sua amada, e mesmo tendo retornando aos seus braços um tempo depois, a dispensa, diz preferir viver sozinho. O mistério havia se quebrado, não a desejava como antes, passou a desprezá-la.

O outro envolvimento não tão romântico vivido com uma mulher se deu com dona Xica, a faxineira de sua empresa, a quem possuía em cima de uma refinada mesa na qual postava-se no centro de seu escritório. Com esta teve uma filha que sempre ajudou as escondidas para que não soubessem de sua existência, chamava-se Maria da Graça e prevendo o seu falecimento, expressa através das páginas de um testamento o seu reconhecimento como legítima filha e herdeira de toda a riqueza acumulada por ele, Napumoceno da Silva Araújo. Este fato surpreendeu os presentes, porém ninguém pareceu tão decepcionado com a novidade quanto o seu sobrinho Carlos, julgava ser o único parente de quem se tinha conhecimento e portanto o único a ser beneficiado com a herança do tio morto.

As aventuras, os dissabores, as decepções. Os acontecimentos vividos por Napumoceno são relatados em flash back, ora ele narra fatos vividos no passado, ora fala de acontecimentos do presente como o seu velório e as questões que o envolvem. O autor constroi uma trama inteligente e bem escrita, através desta emite críticas e posturas sobre os problemas que atingem a sociedade de Cabo verde.

4 FORMAÇÃO SOCIAL DE CABO-VERDE

Para um melhor entendimento quanto a formação da sociedade caboverdiana, se faz necessária a feitura de um panorama social do país, o que ajudará na compreensão de como esta aconteceu. Desde o início de sua história o caboverdiano enfrentou dificuldades que o obrigaram a lutar por sua sobrevivência. Problemas de ordem natural como a falta de chuvas que acontece como uma característica peculiar do lugar e, conseqüentemente, levava a uma minguada colheita na agricultura. A falta de pasto, não oferecendo condições favoráveis para a criação de gado e como resultado os poucos criadores costumavam perder os animais. Juntando-se a estes ainda se tinha as pragas que dizimavam as poucas plantações que sobravam da seca, chuvas arrasadoras que depois de um longo período de estiagem arrastavam plantios, inundavam a terra e a presença de fortes ventos vindos do leste causando destruição nas colheitas.

Segundo Carreira (1984), os próprios habitantes das ilhas também foram responsáveis por uma parte destes problemas. Devido a necessidade de conseguir lenha para consumo doméstico, costumavam cortar árvores sem replantar, empobrecendo assim o solo. Outro aspecto que contribuía para a falta de nutrientes da terra era a criação de caprinos soltos, consumindo toda a vegetação rasteira que recobria o solo, desta feita o deslizamento das encostas eram frequentes com a chegadas das fortes enchurradas que arrastavam grande parte das plantações.

A combinação destes fatores auxiliavam nas penosas crises enfrentadas por Cabo verde até metade do século xx, como consequência o número de mortes que se tinha era sempre muito alto. Não alcançaram nenhum sucesso financeiro com o sistema de arrendamento, apenas trabalhavam na terra e o dono desta adquiria os lucros. Todos os problemas que já existiam foram agravados no período de 1890 a 1950 com o surgimento de epidemias o que fez com que muitas vidas fossem dizimadas por falta de recursos e descaso das autoridades responsáveis pela população. O sofrimento alastrou-se pelo país. Nas ruas cadáveres se espalharam pelo chão como animais sem dono e mesmo diante da miséria, dor, fome, não aconteceram revoltas. O povo não saqueou, nem revoltou-se em protesto a situação, pelo contrário, conviveu com esta realidade, a qual obrigou muitos a deixarem o país em busca de condições de sobrevivência mais dignas, se estabelecendo assim um alto índice de emigração a países europeus.

Observamos o fato de a vida do povo caboverdiano ter sido sempre repleta de dificuldades nos diferentes feitios e o processo de formação da sociedade

caboverdiana baseou-se nas condições a que estava inserida. O sofrimento, a pobreza, desde o início se fez presente na realidade desse povo e por terem enfrentado tantas adversidades, aprenderam a desenvolver um espírito solidário e guerreiro, apto a se adequar a diferentes situações e encontrar a melhor saída, garantindo assim uma sobrevivência digna, admirável. Nação forte que inspira homens e mulheres em todos os tempos a cantar, contar e pintar sua beleza, sua força, seu chão.

5 O HUMOR

Butzke (2007) nos mostra que mediante a significativa existência de trabalhos publicados sobre humor, direciona uma busca por uma definição que consiga caracterizar o riso ao longo dos tempos e sua afinidade com o ser humano em circunstâncias e tempos variados. É relevante perceber que o riso é universal e é característico do homem, “O homem é um bicho que ri e faz rir” (FERNANDES, 2003, p. 6). O filme *O nome da Rosa* nos faz entender que na idade média o riso era tido como um ato pecaminoso, portanto o humor pode apresentar diferentes aspectos dependendo da cultura em que está inserido e o tempo em que ocorre.

Na obra intitulada *História do riso e do escárnio*, Minois (2003) descreve o riso através dos tempos da Grécia antiga, a era romana, idade média e renascimento até o século XXI. Garante ainda que o riso visto no século XX, “é um riso de humor, de compaixão e, ao mesmo tempo, de desforra diante de reveses acumulados pela humanidade ao longo do século e das batalhas perdidas contra a idiotia, contra a maldade e contra o destino” (MINOIS 2003 p.558). O autor ainda descreve o riso como sendo um humor “sociológico, que requer a participação ativa do ouvinte, sua cumplicidade. Ele gera simpatia, vinda da solidariedade diante das desgraças dificuldades do grupo social, profissional, humano” (MINOIS 2003 p. 559).

Como o humor está interligado ao social é de relevante curiosidade saber a definição mostrada em alguns dicionários de língua portuguesa: segundo o dicionário Houaiss (2007) “humor é um estado de espírito ou ânimo; disposição, temperamento, graça, jocosidade; expressão irônica e engenhosamente elaborada da realidade; faculdade de perceber ou expressar tal comicidade”. O dicionário Aurélio define como: “uma veia cômica, graça, espírito, disposição de espírito,

capacidade de perceber, apreciar ou expressar o que é cômico ou divertido”. (FERREIRA, 1999, p. 1065).

De acordo com as definições encontradas nos dicionário o humor é graça, jocosidade, comicidade; o humor aparece constantemente relacionado ao cômico. Sobre onde se encontra a comicidade, Bergson (2001, p. 2) assevera que “não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano”. O que pode existir é um humor ausente de acontecimentos ligados ao social.

No romance *O testamento do sr. Napumoceno* percebe-se claramente uma linguagem irônica escrita de forma proposital por seu autor, com a intenção de afirmar algo, insinuando e provocando o leitor a que entenda outra coisa, isto porque, segundo Muecke (1978) prevalece a habilidade de usar a mesma cadeia de palavras para dizer e desdizer o que se está afirmando. Germano cria vários episódios na trama fictícia de seu livro com o objetivo maior de criticar as autoridades de seu país, os políticos que nada fazem para ajudar os menos favorecidos, os mais carentes e desestruturados sociais que formam a grande parte da população caboverdiana.

Na compreensão de Bergson (2001), o humor pressupõe sempre uma distância em relação ao objeto de riso. Dessa forma, o autor define essa distância como insensibilidade necessária a apreensão do cômico. Bergson salienta que para o humor ocorrer é necessário afastar-se da situação tomada como objeto e assisti-lo como espectador indiferente. De uma maneira inteligente o autor constroi uma narrativa permeada de humor e este assume diversas formas, não se adequa a uma definição precisa, única. Alcança dentro do texto diferentes tipos de significação. Ao implicar a consciência do ridículo da condição humana, a ironia é imprescindível para que o conhecimento se dê dentro dos limites impostos pela finitude (ECO, 2006).

Diversos acontecimentos cômicos aparecem nas páginas do romance do Germano Almeida, como comprova-se no episódio da ceia natalina em casa do Napumoceno, tendo como convidado o Dr. Souza por quem tinha enorme consideração:

após o bacalhau e ao ver o peru enorme e loiro na travessa disse que precisava desapertar o cinto pois parecia que o Araújo os queria enfadar. E aproveitou para repetir uma anedota do sr. Dr. Segundo a qual na noite de natal de 1961 dois indivíduos foram presos por

terem sido encontrados na rua já bêbados e a gritar viva Neru. Estiveram incomunicáveis mais de quarenta dias, eles a quererem saber porque tinham sido presos, ninguém sabia responder, eram presos políticos, presos da pide, eles sem entender porque eram presos políticos etc., até que foram levados a pide, perguntaram-lhe o que sabiam de Neru, eles não sabiam quem era Neru, perguntaram-lhes porque então estavam a dar viva Neru na noite de natal e não lhes foi fácil explicar que dava viva peru então e não Neru. (ALMEIDA 1996, p. 37).

Através de episódios jocosos na trama, o narrador prende o leitor convocando-o a participar das trapalhadas vividas por Araújo nas suas idas e vindas pelas ilhas de seu país. Mesmo que, às vezes implicitamente, o humor possa ser percebido, quando diz que ...levou o locutor da Rádio Clube Mindelo a noticiar que em São Vicente chuviscava torrencialmente, ou após obter o grande lucro com os guarda-chuvas, ter mudado de opinião em relação ao caixeiro-viajante, considerou que não valia a pena ofender o amigo [...] por tão pouca coisa...(ALMEIDA 1996, p.56, 57)

O Testamento do Sr. Napumoceno aponta dirigentes que estão sempre mais preocupados consigo mesmos, com seu crescimento e enriquecimento pessoal. A ironia encontrada na obra de Germano Almeida, no entanto, atua significando o contrário daquilo que se afirma no texto, é um dizer desdizendo, revelando os verdadeiros pontos de vista e posicionamentos críticos do escritor perante o mundo:

Mas falava igualmente da sua vereação e dos desígnios que o tinham impelido porque sabia que se dizia ter ele sido movido pela vanglória de estar entre os grandes da terra, quando na verdade aceitara o lugar apenas pelo desejo de servir um povo e uma cidade que o tinham ajudado a sair da cepa torta e na idéia infantil de que o vereador podia ter um papel útil na vida de um município. Mas infelizmente verificara tratar-se apenas de um lugar de coro, o vereador era só um verbo de encher que fazia número, dava palmas e dizia sim senhor (ALMEIDA, 1996, p.136).

O humor, que muitos estudiosos do tema afirmam andar de mãos dadas com a ironia, caracterizam a narrativa do escritor Germano Almeida. Entretanto, apesar de ocuparem no texto funções parecidas, possuem características próprias e distintas. O humor tem como função diminuir o impacto da tragédia de vida e de morte (FREUD, 1976). Nesse sentido, alguns aspectos que ocorrem em *O testamento do sr. Napumoceno* são próprios de um riso que disfarça o sofrimento.

Há risos e risos, pelo que se impõe destrinçar o humor da ironia e da sátira. O humor é uma forma de lidar com as questões mais graves e profundas a partir de uma superfície apaziguadora, mas ferina, sutil e sarcástica (DUARTE, 2006). A ironia, ao contrário do humor, segundo nos esclarece Bezerra (2003), “não é uma virtude, mas antes uma arma virada, quase sempre, contra alguém”.

A ironia ri do outro, o humor ri de si próprio e/ou do outro como dele próprio. Pode-se rir de tudo, mas respeitando, certamente, certos limites. A ironia magoa; o humor cura. A ironia pode matar; o humor ajuda a viver. A ironia quer dominar; o humor liberta. A ironia é impiedosa e cruel; o humor é misericordioso. O humor é amor, a ironia o desprezo. Enfim, o espírito pode rir ou troçar de tudo: quando troça do que detesta ou menospreza, chama-se ironia; quando ri do que ama ou estima, é humor. Constata-se então que o livro *O testamento do Sr. Napumoceno* surge desde as primeiras páginas sob uma caracterização cômica, as personagens são colocadas como ridículas e a comicidade contida na obra pode ser percebida como um humor corrosivo, pois, este se apodera de atitudes do comportamento tradicional e da compostura para contextualizar a trama.

6 ASPECTOS PICARESCOS

ASSIS (2005) nos faz entender que o autor traça em uma perspectiva diacrônica, a partir da incidência de um contexto de crise político-sócio-econômico, que este seria um fator viabilizador de crítica social na trama. Inserido neste contexto, o personagem picaresco recebe características vindas de uma sociedade excludente e desigual, por este motivo observa-se nas narrativas picarescas uma atitude de rebeldia contra o discurso oficial. A imagem do picaresco está sempre associada à pobreza, fome, sofrimento. No romance escrito pelo Germano Almeida, o personagem principal da trama o Sr. Napumoceno, aparece como um herói que beira o anti-herói, também poderia ser descrito como um herói com problemas de caráter, que possui uma linha de conduta moral caracterizada por habilidades astuciosas, articulações e estratégias de planos que resultam quase sempre em benefícios a seu favor, como se viu no episódio da compra de guarda-chuvas em que este reverte uma situação que deveria ser de perdas devido a um erro no pedido, que fez a compra passar de mil a dez mil peças, transforma o equívoco em benefício e enriquece através deste acontecimento. Tendo de início culpado o

funcionário dos correios na tentativa de amenizar o prejuízo, percebe rapidamente com a chegada da chuva ter feito o grande negócio de sua vida. Nesse episódio notamos que a personagem age de modo inesperado, causando a surpresa no leitor, e naquilo que Propp (1992) explicita em relação à sátira ou o cômico, que surgem a partir das ações absurdas dos personagens

A distribuição da cal as famílias desabrigadas revela um artil estruturado com interesses pessoais, pois seu objetivo maior seria o de ganhar prestígios junto ao presidente da câmara municipal, o que lhe ajudaria no seu ingresso à vida política a que pretendia seguir. Napumoceno burla a lei ao se negar pagar taxas alfandegárias e desta forma cria suas próprias estratégias que lhe garantam lucros fáceis e crescimento político.

O *testamento do Sr. Napumoceno* apresenta aspectos que se aproximam da narrativa vista na novela *El Lazarillo de Tormes*, de autoria não conhecida e editada pela primeira vez em 1550. Um dos artifícios encontrados na novela é o caráter moralizante que a narrativa adquire com o objetivo de se mostrar como exemplo de conduta moral, espécie de castigo destinado a indivíduos de caráter duvidoso ou que se mostram arrependidos de suas ações, caso este do personagem principal da trama criada pelo Germano Almeida, que no final de sua vida reconhece a filha Maria da Graça a qual mantinha em segredo e a faz herdeira de toda a sua fortuna.

Outro traço em comum com as novelas picarescas, o qual se percebe no romance de Almeida, é o relato autobiográfico onde Napumoceno conta em detalhes a história de sua vida desde a chegada a São Vicente, ainda muito jovem, de pés descalços e trazendo como pertence apenas uma mala. O mesmo relata toda a sua trajetória, sua vida sofrida de menino em São Nicolau e as dificuldades para sobreviver, como também a conquista de independência financeira quando homem feito e senhor no mundo dos negócios.

Nos vários cadernos de couro o velho organiza a sua história, revelam todas as suas aventuras, o romance com a misteriosa Adélia e o caso que teve com a Xica, sua funcionária e que resultou na filha Graça. O Sr. Araújo expõe a sua vida procurando justificar os acontecimentos vividos como um exemplo de honra e conduta moral adquirida daqueles que lhe educaram, lhe ensinaram a sobreviver: o Sr. Souza e sua esposa dona Rosa.

A narrativa picaresca é desenvolvida sob dois planos: O do autor e o do personagem principal; entre os dois existe a ironia que age em dois sentidos

distintos. Na visão de Napumoceno a sua história de vida é digna de aplausos, já o autor nos mostra uma lacuna em sua trajetória que este não encontra meios de preencher. O autor coloca o personagem pícaro e aquilo que lhe rodeia dentro de uma verossimilhança narrativa compatível com sua personalidade e o meio que está inserido, como o caso de sua origem social, que mesmo tendo alcançado uma abastada condição financeira, não lhe permitiu o ingresso na agremiação composta por influentes da sociedade mindelense, com a intenção de vingar-se Napumoceno se apodera da estratégia de difamar o clube e seus associados. Este ato de falar mal, se mostra como reflexo do pano de fundo social, motivo este que leva o autor a inserir na narrativa, expressões vulgares e uso de estilos coloquiais na tentativa de aproximar a realidade existencial do personagem principal e o meio que lhe cerca.

Na compreensão de Bergson (2004), a idealização de uma personagem ou de uma situação pode levar a algum tipo de comicidade. Como se pode comprovar na forma como Adélia é idealizada por Napumoceno, uma mulher pura, sublime, digna da perfeição e que não há nada que possa ser feito para mudar o seu conceito sobre ela. A situação cômica acontece no episódio em que ele vê Adélia pela primeira vez em sua loja e prossegue a analisando sem conseguir desviar o olhar desta que não percebendo que estava sendo observada continua no que estava fazendo. Apreende-se diante do fato uma confusão de inteligência e dos sentidos, devido ao fato de se visualizar algo que não é real, ouvir sons que não existem e pronunciar palavras incompreensíveis.

Napumoceno vive um momento de letargia e conforma seu comportamento a uma situação fictícia, quando na verdade o lógico seria se conscientizar da realidade presente. A comicidade concentra-se na própria personagem e, conseqüentemente, esta proporciona o material necessário para que a ocasião seja percebida, como um episódio de encantamento:

[...] mas sobretudo o que o encantou foram aqueles olhos que não paravam como se estivessem eternamente assustados ou espantados...[...] naquele dia e nos seguintes ele sentiu-se de todo apanhado por aquela rapariga magra que o atraiu mais do que tudo no mundo e por isso não soube mais que lhe dizer e ficaram olhando um para o outro, ela sorriu timidamente, mas depois disse então boa tarde e preparou-se para sair, mas num esforço ele conseguiu dizer diga-me apenas teu nome! E ela sentiu a urgência daquele pedido na voz daquele homem na sua frente como que atordoado por uma paulada na cabeça e disse Adélia, sorrindo e em voz baixa, diga-me onde poderei encontrá-la ! E ela já sorrindo e gaiata disse que estava

sempre por ali e saiu e ele não tentou retê-la mais, sabia que ancorara o seu destino (ALMEIDA, 1996, p 91).

Este encontro realmente selou o seu destino e com isso adquiriu alguns problemas, o cômico desta situação está na forma natural como nos comportamos diante do fato sem perceber o que acontece ao nosso redor, quanto mais normal se apresenta a distração, mais risível se mostrará a situação quando percebermos a realidade dos acontecimentos a nossa volta.

Na história vivida por Napumoceno e Adélia o autor escolhe não os relacionar a nomes próprios, conforme vemos com figuras principais de tragédias conhecidas como Romeu e Julieta, por exemplo, mais sim faz uma ligação dos mesmos a um corriqueiro objeto: um simples testamento, o que demonstra a comicidade da narrativa, pois se trata de um substantivo comum. Segundo os exemplos que nos apresenta Bergson (2004): “o avaro”, “o jogador”, “o ciumento” e outros. Todos apresentam características cômicas e comportamentos inusitados.

Quanto a Napumoceno, enxergamos nele um sentimento sublime no início, vindo com o passar do tempo a transformar-se em eterna desilusão. Muitos acontecimentos vividos através do romance causaram embaraçosas situações a este, gerando assim uma cadeia de casos risíveis bem perceptíveis no trecho em que se vê uma conversa entre Carlos e a filha Graça onde o sobrinho explica que, diferente do que diz no testamento, o apaixonado senhor vai para São Nicolau apavorado pela ideia de levar uma surra do marinheiro marido de Adélia, envergonhado pela possibilidade de apanhar na idade em que se encontrava.

O protagonista tenta com muito esforço manter uma imagem impecável na comunidade em que vive e nisso se vê uma comicidade de caráter, somente após sua morte seus atos relapsos e suas excentricidades são revelados. Outro elemento ressaltado que caracteriza como texto pícaro o romance *O testamento do Sr. Napumoceno*, é a crítica implícita feita pela sátira, pelo riso, como um elemento dessacralizador da ordem estabelecida.

Adriana de Assis (2005), no artigo, *Controversas picarescas em “Trabalhos e paixões de Benito Prada”*, de Fernando de Assis Pacheco, diz que uma das análises mais recorrentes à sátira picaresca é a crítica aos valores morais, principalmente daqueles advindos dos relacionamentos adúlteros, das tradições e de instituições

religiosas. A maneira de se enganar o povo, as articulações, as mentiras com o objetivo de se conseguir um pedacinho do céu em *Lazarilo de Tormes*; o aspecto social, quando se refere à roupa representando a posição que o homem ocupa na sociedade, a vestimenta como símbolo de status; o aspecto político servindo de pano de fundo em quase todas as narrativas, denunciando a prática de se roubar.

Portanto, a crítica satírica manifesta-se nas narrativas picarescas, apoderando-se do jogo de aparências político-econômico-sociais, das quais o pícaro passa a ser o principal elemento de controvérsias, motivo este que faz a mentira e o roubo estarem sempre presentes nas narrativas picarescas principalmente para contestar sobre a veracidade do trabalho honesto desenvolvido por homens considerados pela sociedade como pessoas dignas e de reputação imaculada.

Geralmente o personagem pícaro desenvolve atividades duvidosas quanto à forma de ganhar dinheiro e está sempre em busca de se dar bem e tirar proveito das situações, como narrou tão bem o escritor Germano Almeida em sua obra. O autor evidencia a modernidade do romance pela via da memória, da ironia e da anedota, sendo explorada uma das facetas da alma cabo-verdiana, onde o picaresco se assume como forma de resistência ou como comportamento compensatório das incertezas e frustrações.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo o que foi exposto, sejam quais forem os questionamentos em torno de *O testamento do Sr. Napumoceno*, sobre a relação entre o humor e a postura crítica do autor frente à realidade política e social de Cabo-Verde, torna-se evidente que Germano Almeida se apropria de sua escrita, usando armas estilísticas de efeitos poderosos como o humor, a sátira e a ironia para protestar sobre as atrocidades cometidas por políticos ou ainda por aqueles que comandam o poder no país. O autor expõe o universo cabo-verdiano no qual fatores sociais e econômicos dependem de uma subdesenvolvida economia agro-pecuária e, em algumas ilhas, a minguada fonte de renda vem de um débil comércio local. Estes fatos oferecem os ingredientes necessários à literatura do escritor, refletem a pobreza e o perfil social, aspectos predominantes do convívio nas ilhas, o qual deseja confrontar. A narração da história de Napumoceno, desde o início se insere em um caráter de crônica, memórias, percebe-se a mistura do verídico com o imaginário onde o cômico, a

anedota, os acontecimentos risíveis são frutos da imaginação e das atitudes irônicas do narrador e personagem principal, através deste o autor coloca sua própria formação ideológica, uma vez que é conhecedor da biografia de seu país e dos aspectos que representaram papéis importantes junto à vida do povo cabo-verdiano.

O escritor Germano Almeida cria assim em sua narrativa um jogo entre a realidade e a ficção, onde o sério e o riso se configuram dentro de um mesmo cenário, neste, acontecimentos e personagens sorriem de sua própria situação e levará o leitor a descobrir deduções mais profundas como a dimensão social, as questões políticas e o comportamento do cabo-verdiano abandonado desde sempre a sua própria sorte.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Germano. **O testamento do Sr. Napumoceno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ALMEIDA, Germano. <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/germano-de-almeida-o-contador-de-estorias> 2010. (Acesso em: 01 de dezembro 2010).
- ASSIS, Adriana Carolina Hipólito de. **Controvérsas Picarescas em "Trabalhos e Paixões de Benito Prada", de Fernando de Assis Pacheco**, 2005 (Site: <http://www.kplus.com.br/materia.asp?co=254&rv=Literatura>). Acessado em 12 de novembro de 2010.
- BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BEZERRA, Rosilda Alves. **A ironia infausta**: uma leitura da ironia em Augusto dos Anjos. João Pessoa: UFPB (tese de doutorado, 2003).
- CARREIRA, Antônio. **Cabo Verde**: aspectos sociais. Secas e fomes do século XX Lisboa: Ulmeiro, 1984.
- CHERUBIM, Sebastião. **Dicionário de figuras de linguagem**. São Paulo: Pioneira, 1989.
- ECO, Umberto. **Entre a mentira e a ironia**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1999.
- FERNANDES, José Carlos. **O homem é um bicho que ri**. Gazeta do povo, 13 jul. 2003, caderno G, p. 6.

- FREUD, Sigmund. **O humor**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standart das **Obras Completas** de Sigmund Freud, vol. 14).
- GANDARA, Paula, 2002, A fronteira da (dês)construção: Construir Germano Almeida, palestra proferida no IC/C. Cult. Português, Mindelo em 10 de janeiro.
- HOUAISS, Instituto Antônio. Dicionário da língua portuguesa. Disponível em: www.uol.com.br>. Acesso em: 06 de dezembro 2010.
- BUTZKE, Marise Janke. Uma análise do humor hirônico em duas traduções brasileiras de Jacob Der Lugner de Jurek Becke. Florianópolis. UFSC (dissertação de mestrado, 2007).
- MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Tradução de Maria Helena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.
- MUECK, D.C. Irony markers poetics. Amsterdam: North Holland publishing company, 7: 363.375, 1975
- PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.
- GUIMARÃES, Márcio Luis da Silva. **Cabo Verde, entre a imagem e a palavra: leituras de O testamento do Sr. Napumoceno**. Niterói: CEG (dissertação de mestrado, 2006).
- TORMES, Lazarillo de. Madri: PML edições, 1994.